



# ECONOMIA E MOVIMENTO



## Poder de compra

A economia brasileira cresceu significativamente nos últimos anos criando uma nova classe média. Classe que surgiu por meio de facilidades que o mercado proporciona à população, como o sonho do primeiro imóvel e a compra de um carro zero quilômetro. Mas, o consumidor está mais exigente quanto as necessidades básicas, e agora busca acesso ao que antes poderia ser considerado luxo.

Em situações do cotidiano, como o vício de fumar e até cuidados com a saúde, foram acompanhados nesta edição, no intuito de informar o quanto a economia movimenta uma sociedade. Esta edição especial do jornal **Em Foco** foi elaborada focada nos detalhes da rotina da população, com a intenção de apresentar aos leitores o quanto a economia esta presente e como ela se movimenta.

Elaborado pelos acadêmicos do 8º semestre, o jornal **Em Foco** é o resultado das aulas de Jornalismo Econômico, que tem como intenção levar informar sobre economia de uma forma fácil e solta, de forma que o leitor possa entender mesmo não tendo conhecimento desta ciência. Assim cumprimos com o nosso compromisso de levar informações a todo tipo de leitor.

## Moradia

*Condições de financiamento aproximam a casa própria de muitas famílias brasileiras*

# Sonho de ter um teto está mais perto

**Tatyane Santinoni**

Atualmente o sonho da casa própria se tornou mais possível graças às facilidades de financiamento e os subsídios do governo que beneficiaram muitos brasileiros na compra do primeiro imóvel. Em Campo Grande, o mercado imobiliário reacendeu com o impulso de planos habitacionais como o "Minha casa minha vida" financiado pela Caixa Econômica Federal.

São até 300 meses para pagar, com descontos de até R\$ 17 mil do governo. O financiamento pode ser concedido com o imóvel ainda na planta. Além disso, a garantia de entrega do bem é assegurada pela Caixa, dando maior segurança e credibilidade durante a construção da obra. Desta forma, comprar na planta deixou de ser negócio de risco.

Ponto crucial na compra do imóvel ainda em construção é a valorização. Segundo o consultor imobiliário, Maiko Borges de 28 anos, a valorização se dá por diversos fatores. O primeiro é durante o decorrer da obra – à medida que se aproxima a



Fotos: Tatyane Santinoni

**Maquete** - Construtoras oferecem mais condições para quem comprar ainda na planta

entrega, se tem uma valorização mensal; outro fator se mede através do Índice Nacional de Construção Civil (INCC), ou seja, se houver aumento no custo da produção, automaticamente aumentará o valor final do imóvel, sem contar no fator da localização.

Recente comprador de seu primeiro imóvel pelo plano minha casa minha vida, Maiko

afirma que a facilidade de compra, os juros baixos e o financiamento com parcelas decrescentes, foram o impulso necessário para adquirir o próprio apartamento, e pagando muito menos do que imaginava.

### Documentação

Para a analista de crédito, Thaiana Garcia de 25 anos, para se encaixar neste programa da Caixa é necessário o cliente ter renda entre R\$ 1.438,00 e R\$ 4.900,00, podendo ser conta conjunta entre pessoas com relacionamento estável.

Para comprovar a renda, em caso de carteira assinada, é preciso apresentar os três últimos holerites. Para empresários e trabalhadores informais, é necessário comprovar a movimentação bancária dos três últimos meses e a declaração de imposto de renda ou outra declaração que comprove a origem da renda. Quem possuir, no mínimo, três anos de carteira assinada pode usar o saldo parcial ou total do FGTS para comprar o primeiro imóvel com juros mais baixos. Além disso, é necessário apresentar os documentos pessoais e o comprovante de endereço.



**Requisitos** - A analista explica que a renda do comprador deve ser de 1,4 mil

## EXPEDIENTE



**Em Foco** – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - nº 134 – Setembro de 2010 - Tiragem 3.000

**Obs.:** As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

**Chanceler:** Pe. Lauro Takaki Shinohara

**Reitor:** Pe. José Marinoni

**Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento:** Conceição Aparecida Butera

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Hemerson Pistori

**Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários:** Luciane Pinho de

Almeida

**Pró-reitoria de Pastoral:** Pe. Pedro Pereira Borges

**Pró-reitoria de Administração:** Ir. Raffaele Lochi.

**Coordenador do curso de Jornalismo:** Oswaldo Ribeiro

**Jornalistas responsáveis:** Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108 e Robson Moreira DRT-MS 64

**Revisão:** Jacir Zanatta, Robson Moreira

**Edição:** Jacir Zanatta e Robson Moreira

**Repórteres:** Caroline Maldonado, Edeusa Centurião, Gabriela Paniago, Laziney Martins,

Leonardo Amorim, Leonardo Cabral, Paula Maciulevicius, Tatyane Santinoni, Valeska Medeiros e Viviane Oliveira.

**Projeto Gráfico, diagramação, capa e tratamento de imagens:**  
Designer - Maria Helena Benites

**Impressão:** Jornal A Crítica

**Em Foco** - Av. Tamandaré, 6000 B, Jardim Seminário, Campo Grande – MS.  
Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

**EmFoco On-line:** www.emfoco.com.br

**E-mail:** pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br





Foto: Viviane Oliveira

**Trabalho** - O mercado de profissões como corretores e trabalhadores da construção civil nunca esteve tão aquecido na Capital

## Mudança

Além das condições na compra de novos imóveis, as construtoras ainda geram emprego

# Construtoras chegam e trazem novas oportunidades

**Viviane Oliveira**

Basta dar uma volta na cidade para perceber que o setor de habitação tem aumentado nos últimos anos em Campo Grande. As facilidades no financia-

mento de imóveis têm contribuído para este crescimento. De acordo com o corretor Alexandre Blake, o forte crescimento do setor está ligado aos incentivos do governo e à demanda de clientes cada vez maior. “As construtoras têm

vindo de fora. Elas estão investindo em um público que durante muito tempo ficou esquecido”, contou o corretor.

As empresas focam desde a classe média baixa, até apartamentos de alto padrão. Segundo Blake, o consumidor

tem a liberdade de escolha na hora de realizar o sonho da casa própria. “Existem várias opções de produtos, linhas de financiamento, condições de pagamento e valores. Pesquisas indicam que em Campo Grande existe mercado para este público alvo, que são famílias com renda a partir de três salários mínimos para imóveis pequenos”, explicou.

Com o uso do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), e o programa Minha casa minha vida, a Caixa Econômica Federal (CEF), tem facilitado o financiamento da casa própria. É o caso da vendedora Eliene de Oliveira Cerqueira, que utilizou o recurso do fundo de garantia como parte do valor para pagar o imóvel que financiou em 25 anos. “Foi um investimento a longo prazo, com o uso do FGTS e subsídio do governo foi possível fazer o financiamento de acordo com minha renda”, disse.

Segundo o economista Emerson Alan Batista, “financiamento habitacional é bom, mas é preciso prestar atenção no contrato e no valor das parcelas antes de assinar”, ressaltou.

A facilidade no pagamento foi fundamental na decisão de Eliene, que comprou um apartamento de 45m² no bairro Tiradentes, na Capital. Ela conta que depois que receber a chave, as parcelas serão decrescentes. “A procura realmente é grande e a taxa de juros abaixou”, explica Genésio Marques Nogueira Junior, técnico bancário da Caixa.

Com o mercado em expansão cresce também o número de mão de obra qualificada. Para o estagiário de engenharia civil Bruno Oliveira Gonçalves, com o aumento da construção a maioria dos trabalhadores que foram para outros setores está tendo que se requalificar para voltar. “Com o mercado voltando à atividade, vai ter uma procura maior por profissionais desta área. Falta mão de obra desde servente a engenheiro,” alertou.

## LER É SE DIVERTIR

FAÇA DA LEITURA UM HÁBITO





Os governantes precisam entender que não dá para aguardar numa lista, pois a doença não espera a burocracia

# Preço pago pela saúde contribui com AUTOMEDICAÇÃO

**Valeska Medeiros**

Precariedade no sistema de saúde e automedicação. Esses são alguns dos fatores que levam a população brasileira a ser uma das maiores consumidoras de remédios no mundo. Nos casos em que o Sistema Único de Saúde (SUS), não disponibiliza alguns medicamentos de alto custo, a população tem de arcar com as despesas do tratamento por meio do próprio bolso. Num país onde se pagam tantos impostos não dá para ficar na lista de espera para auxílio do governo, pois a doença não espera a burocracia.

No ano passado, a atendente Adrielle Borges, de 22 anos, teve cálculo renal e precisou fazer o tratamento com diversos medicamentos, no entanto depois de recorrer ao posto de saúde descobriu que a grande maioria dos remédios não era distribuída pelo SUS. A jovem relatou que teve um gasto médio de R\$ 250,00 ao mês, e que para conseguir esses medicamentos gratuitamente seria necessário pedir um alvará para o Governo e entrar numa fila de espera, só que infelizmente para ela e para muitos brasileiros a doença, seus sintomas e as dores não esperam essas filas.

De acordo com o Ministério da Saúde os recursos para medicamentos são repassados por ano e no caso dos medicamentos de excepcionais, ou seja, de alto custo, uma parte o Ministério repassa recursos para a compra de uma determinada quantidade e a outra parte ele mesmo compra e distribui. No entanto essa de-

manda não atende a toda população.

Há também o caso de pessoas que, frustradas com o atendimento nos postos de saúde e a inconsistência no diagnóstico dos médicos, fazem a automedicação. Compram um medicamento nas farmácias mais próximas, sem prescrição médica, ou utilizam remédios que já tem em casa de tratamentos anteriores. Como é o caso da auxiliar de serviços gerais, Ana da Cruz, de 42 anos. “A gente vai ao posto, fica mais de três horas esperando um médico para atender, e quando chega na sala ele mal olha na nossa cara e só sabe passar dipirona, paracetamol e ibuprofeno. Isso tudo já tenho em casa, então quando sinto alguma dor já tomo o remédio que tenho”. Ela ainda complementa que “quando a dor não passa tenho quer ir pro médico particular, gasto uma fortuna ou então recorro a remédios naturais”.

## Consumo Excessivo

Segundo a farmacêutica e diretora técnica do projeto Remédio Certo, Mariana Fazio, disse em entrevista à Revista Veja, que o Brasil, apesar da precária situação na saúde, é o quinto país no ranking mundial em consumo de remédios e o primeiro dentre os países da América Latina. E um dos motivos que podem explicar esse fato é o hábito que os brasileiros possuem de se automedicarem, considerada até mesmo como uma questão cultural pela Organização Mundial de Saúde, que atinge a todas as classes sociais.

“Descrito como ‘o país que a população adora se medicar’, uma pessoa mesmo se considerando saudável faz uso de pelo menos um medicamento por conta própria, por indicação de um parente ou amigo e até porque restou do tratamento anterior”. Mariana ainda



Foto montagem: Maria Helena Benites

**Medicação** - População brasileira está entre as maiores consumidoras de remédios

salienta que além da questão cultural, o fácil acesso a medicamentos e a busca pela cura de sintomas aumenta ainda mais o consumo de remédios e torna o seu uso indiscriminado.

Na lista dos medicamentos mais consumidos estão os antidepressivos,

anti-inflamatórios, anti-histamínicos, antibióticos, antiácidos, entre outros como suplementos alimentares e emagrecedores. Atualmente o Sistema Único de Saúde (SUS) distribui cerca de 560 tipos de medicamentos gratuitamente.

**CUSPIR NO CHÃO. FALTA DE EDUCAÇÃO!**

**Atitude: Eu tenho!**

Uma iniciativa: **UCDB**

Cada um na sua, tudo bem. Mas, quando o papo é agradável, vale a boa educação. Pra todo mundo, pega mal cuspir no chão.

# Propagandas estimulam compras

**Caroline Maldonado**

Sem um carro a vida é muito mais difícil. Este é um pensamento comum a grande parte dos brasileiros de todas as idades, que são motivados pelas facilidades tentadoras de pagamento na compra de um automóvel. A aquisição do veículo, por muitas vezes, é até preferível à compra de uma casa. De 2008 para 2009, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), o número de famílias com carro cresceu de 20,9 milhões para 21,9 milhões, passando de 36,4% para 37,4% do total. Também em 2008, 8,5 milhões de casas tinham motocicletas. No ano passado, esse número cresceu para 9,5 milhões.

Os dados mostram ainda que nas regiões Centro-Oeste, Sul, Sudeste e Nordeste, o número de residências com carro superava, em 2009, o de casas com moto. Apenas na região Norte a proporção era inversa. Isso denota que a maior parte da população prefere um carro a uma moto e não poupa esforços para adquiri-lo.

Mesmo sem entrada é possível financiar um carro em até sessenta vezes, ou seja, cinco anos. Este longo tempo não

assusta muita gente. Segundo o vendedor Emerson Oliveira, 30% das vendas da concessionária em que ele trabalha é financiada com este tempo para quitação. O restante, de acordo com o vendedor, é pago em 36 ou 48 vezes. Dificilmente em tempo menor ou à vista.

Além de abrir mão da segurança de ter uma casa própria na escolha entre um e outro é cada vez mais comum o interesse em trocar de carro em no máximo três anos de uso. Há quem diga que a pouca paciência com a manutenção do veículo em uso, somada às facilidades de pagamento acabam fazendo das compras verdadeiros aluguéis de carro, já que muitos são trocados antes mesmo da quitação.

Ao que parece, o importante não é comprar, mas ter um carro sempre novo. Por isso as concessionárias aceitam o usado como parte do pagamento na compra. Para Gisele Cubel, que já trocou o seu carro, é vantajoso trocá-lo quando ainda se está pagando. “Quando você acostuma com carro novo não quer mais ficar com carro velho, porque dá muito problema. Depois de três anos compensa tirar um novo”, disse.

As propagandas empolgam ainda mais essa tendência. De acordo com Emerson, a



Foto: Caroline Maldonado

**Troca -** Mercado vende a ideia de que o importante é ter sempre um carro novo

publicidade leva muitos dos compradores à concessionária. “Aqui vendemos em média 14 carros por dia e a maioria das pessoas nos procura atraída pela propaganda na televisão. Elas chegam perguntando por um modelo e acabam, muitas vezes, levando outro mais sofisticado. A primeira preocupação dos compradores é uma parcela que caiba no bolso. Aí depende das taxas, que as vezes estão bem baixas e também da negociação. Tudo é questão de conversar”, explicou o vendedor.

Havendo possibilidades financeiras as pessoas não se importam com as outras questões, como o impacto dessa elevação do índice de aquisição de carros no trânsito e no meio ambiente. Se havia uma preocupação maior entre os compradores, que era como pagar, as concessio-

nárias e até mesmo as fábricas já sacaram e agora facilitam ao máximo. O livre jogo da oferta e procura está ditando novos comportamentos, que ignoram as preocupações coletivas, estimulando o consumo exagerado e o individualismo, em uma sociedade cada vez mais apressada e impaciente.

De fato, em vista do serviço de transporte coletivo é mais difícil viver sem um carro, mas o pensamento que iniciou essa matéria já ganhou atributos não tão necessários assim. A vida é muito mais difícil sem um carro novo e se manutenção for palavra usada duas ou três vezes é hora de trocá-lo e continuar pagando.

## Agricultura familiar gera economia e movimentação cidades de MS

**Laziney Martins**

Pequenos produtores rurais criam formas de aumentar sua renda na região onde moram. No estado, segundo a Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (Agraer), são atendidos aproximadamente 35 mil agricultores familiares. Dos 78 municípios, a Agraer está presente em 72 deles.

Em Naviraí, por exemplo, existe a Associação dos Moradores do Assentamento Jucal (Amaju), onde contam com uma cozinha industrial com cinco doceiras, fabricação de artesanato e recentemente está sendo implantado um frigorífico para abater frangos.

Segundo a presidente da associação, Maria Pereira Lima da Silva, 50 anos, as condições de renda dos pequenos agricultores melhorou muito

com esse dinheiro que foi investido em sua terras. O projeto conta ainda com a ajuda da Agraer e a Prefeitura de Naviraí.

Já a Associação Comunitária de Desenvolvimento Artístico e Cultural de Caracol, produzem derivados do leite há dez anos. Eles costumam pagar por litro de leite, R\$ 0,50 sem variação no preço ao ano. São 150 produtores rurais envolvidos, que vendem o leite para o Comitê Nacional do Abastecimento (Conab). Eles distribuem o produto para asilos, creches, hospitais. São nove mil crianças atendidas em na cidade de Bela Vista, três mil em Caracol. Além disso ainda produzem a capineira, que é um bolo de mandioca. Ainda têm plantação de mandioca e uma produção de tijolos, além da implantação de um espaço para pro-

dução hortifrutigranjeira. A expectativa é de atender o estado inteiro. A associação possui aproximadamente 300 pessoas envolvidas.

Já na cidade de Dourados existe uma escola municipal onde os alunos do ensino fundamental em período integral produzem e vendem plantas medicinais. Os alunos aprendem na sala de aula e executam o que aprenderam no campo. Aparecido Lima Araujo é o diretor do colégio e segundo ele, a importância do projeto consiste em “os alunos levarem para casa e ensinarem aos familiares a importância das plantas medicinais além do bem estar que proporciona a todos”.

### Recursos

O Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) anunciou teste ano que

o Plana Safra da Agricultura Familiar 2010/2011 terá recursos de R\$16 bilhões, cerca de R\$1 bilhão a mais do que o plano anterior.

Outra medida anunciada é a duplicação do limite do financiamento de crédito para aquisição de terras, passando de R\$40 mil para R\$80 mil e ampliação do limite de financiamento do Programa Mais Alimentos de R\$100 mil para R\$130 mil.

Haverá também, alteração no conceito da renda bruta anual do agricultor para efeito de acesso ao Pronaf. O financiamento ao cultivo de milho, arroz, feijão e trigo passa a ser feito para agricultores com renda de até R\$220 mil. A renda máxima anterior para acesso ao Pronaf era de R\$110 mil.



A segurança pública deveria proteger a cidade, mas não chega aos bairros e os moradores pagam do próprio bolso

# Insegurança custo alto para ter uma vida tranquila

Gabriela Paniago

Segurança pública é um dos itens que compõe a declaração dos direitos dos cidadãos, mas atualmente, mesmo sendo um dever dos governantes, estar protegido de riscos, perigos ou perdas, custa caro e exige alto investimento individual. Para garantir este bem, as pessoas adotam medidas de precaução, adquirindo produtos mercadológicos que pesam no bolso do consumidor. Cercam-se de grades, cadeados, travas, alarmes e todo o tipo de apetrechos a fim de diminuir a insegurança e se proteger da violência que deveria ser controlada pelo sistema público.

Por residir em um bairro perigoso, o acadêmico Felipe Lopes decidiu ajustar sua casa para não ter problemas futuros. Para isso, foi necessário contratar uma empresa de segurança para a instalação de cerca elétrica e alarmes, o que lhe custou R\$ 1.020,00. Para garantir a funcionalidade do serviço solicitado, paga mensalmente uma taxa de manutenção de R\$ 200,00, essa quantia corresponde ao atendimento caso o alarme dispare. Desta forma, a empre-



Fotos: Gabriela Paniago

Segurança - Custo alto para inibir bandidos

sa fornecedora vai *in loco* averiguar o ocorrido.

A procura por sistemas de segurança cresce cada vez mais em Campo Grande. Segundo uma loja de cerca elétrica, a busca cresceu cerca de 60% de 2009 para agosto de 2010. Além do equipamento elétrico, Felipe Lopes também contratou um guarda para cuidar de sua rua. Cada morador da rua colabora com R\$ 50,00 por mês. Não satisfeito, o acadêmico preferiu comprar um cachorro e

adestrá-lo em caso de invasão em sua casa.

Já em condomínios, o sistema de segurança deve ser mais intenso. Segundo a síndica do edifício Pablo Picasso, Rosângela Scaquetti Tavares, um prédio deve conter em torno de 10 a 15 câmeras. A aparelhagem rende um valor de manutenção de R\$ 400,00 mensais e para que seja interligado à portaria, essa

taxa sobe para R\$ 700,00. Sendo que as fitas devem ser trocadas a cada cinco dias e para a captura de boas imagens, é necessário investir na iluminação adequada.

Guardas realizam a ronda 24 horas no interior do edifício, conferindo a entrada na garagem e no portão, recebendo o salário médio de R\$ 600,00 mais o adicional noturno. “Mesmo que tudo isso pareça um exagero, é necessário investir nisso para pelo menos inibir a ação do bandido”, ressalta Rosângela Tavares. Tudo que se gasta com a segurança do prédio é somado e dividido entre os 96 apartamentos que o edifício suporta. Por mês todas essas taxas somam o valor médio de R\$ 3.000,00.

De acordo com os cálculos do economista, José Roberto Fonseca, o prédio gasta R\$ 36.000,00 todo o ano com segurança. Se a segurança pública agisse conforme a lei descreve, essa despesa seria desnecessária. Em troca disso, poderiam todo o ano comprar um carro 0 Km e sortear entre os moradores, ou mesmo deixar um carro com motorista a disposição dos inquilinos.

É notório que quando uma pessoa se sente insegura, acaba buscando meios de proteção. Mas o valor que deve ser gasto é elevado. Se a segurança pública transmitisse confiança à sociedade, esse valor poderia ser utilizado para outros meios.

## Problemas continuam mesmo depois da morte

Edeusa Centurião

Um instante e tudo parece perdido. A pessoa amada se vai. A dor é imensa, mas além da dor emocional, o que vem logo em seguida, é a dor de ter que arrumar os preparativos para que seu ente querido seja bem tratado em seus últimos instantes por perto.

As funerárias em Campo Grande são várias, mas ninguém fala sobre o assunto. Segundo elas o assunto é confidencial e não pode ser abordado em um veículo de comu-

nicação. Mesmo com insistência nada foi falado, as pessoas parecem se incomodar com a presença de um meio de comunicação.

Mas e quem perde alguém? Como se sente? O que passa nesse momento, em que tudo parece desabar, e para piorar o plano funerário está atrasado. O que fazer então? Esse é o caso de Sirlene Araujo de Oliveira, de 55 anos. No ano passado ela recebeu a notícia que jamais esperava um dia receber, Jorge, seu esposo, a quem sempre amou, tinha partido, mas dessa vez sem volta. Sem condições emocionais e financeiras não conseguiu resolver os preparativos fúnebres. Então, ela

pediu ao filho que tomasse conta de todos os preparativos, mas existia um empecilho, o plano estava atrasado.

Eudes Araujo de Oliveira, filho de Sirlene, lembra do momento em que teve que falar com uma pessoa da funerária. “Quando fui negociar, o rapaz cobrou R\$ 1.800,00 reais. Perguntei se era brincadeira, pois naquele momento difícil não pensava que seria tão caro. Depois de muita conversa o valor diminuiu foi para R\$ 1.300,00, mas ainda era caro, afinal eu sempre paguei o plano só tinha atrasado um pouco.”

Sirlene conta que teve que pegar dinheiro emprestado da família, pois na época estava desempregada. “foi muito difícil, cheguei a pensar em um momento que o Jorge não seria enterrado, pois não tinha de onde tirar o dinheiro. Mas, como um milagre, um amigo emprestou R\$ 500,00 que faltavam. O restante minha família se uniu e juntou. Mesmo assim a dor foi imen-

sa”, explica.

O medo faz com que Sirlene não atrase mais o plano, “não espero que ninguém da minha família se vá tão cedo, mas se tiver que passar por isso de novo, que não seja como foi com o Jorge”.

Mesmo quando o plano funerário não está em atraso, tudo sai caro. A massoterapeuta Celi Humberto, de 48 anos, explica que quando sua mãe faleceu, o plano da funerária estava em dia, mas mesmo assim saiu muito caro.

Relembra que o plano estava em dia, não teve burocracia, mas não foi barato também. “Na época tive que pagar cerca de R\$ 800,00. Graças a Deus eu tive como pagar. Apesar da dor tive que ir à funerária e arrumar tudo”, comenta.

Essa situação ninguém espera, quando chega mexe com o bolso de todo mundo e é como se desabasse o céu em sua cabeça.

# Tabagismo inimigo oculto

Leonardo Cabral

O fumo não causa apenas problemas de saúde. Ele é também um vilão para o bolso de muitos brasileiros. Luiz Alves Paniago, 61 anos, começou a fumar quando tinha 21, já são 40 anos como fumante. Durante esse tempo ele diz ter parado apenas por seis meses. “Tentei parar de fumar, fiquei seis meses e a razão foi por problemas de saúde, mas a vontade foi tanta que resolvi a voltar a fumar” disse Luiz. Com tanto tempo tendo como “companheiro” o cigarro, Luiz não faz idéia de quanto já gastou. “Não me importa o quanto foi gasto, já que esse é o meu amigo inseparável, e assim quero seguir com essa amizade” relata sorrindo.

Mas, se Paniago, como é chamado pelos amigos, não quer saber o quanto foi gasto, a reportagem do jornal **Em Foco** fez as contas e mostra o quanto esse vício custa caro para você que pensa em começar a fumar ou já é fumante. Fumando em média um maço por dia, durante o mês Paniago, gasta

R\$ 130,00, o que durante um ano significa um gasto de R\$ 1.560,00, já que cada maço sai em torno de R\$ 3,25. Durante os 40 anos em que mantém o vício, Luiz já gastou em torno de R\$ 62.400,00. Esse valor aplicado em uma poupança daria para realizar muitas outras coisas.

Números revelam que no Brasil existem cerca de 25 milhões de brasileiros que fumam. O vício é maior entre os que têm menos instrução e menor renda. Baseado nestes valores, os gastos com cigarro de uma pessoa que fuma durante 40 anos, como Luiz Paniago, daria para comprar um carro zero quilometro ou até mesmo para comprar ou financiar uma casa própria que é o sonho de muitos brasileiros.

Jucyleide Gonçalves, 44 anos começou a fumar quando tinha 15. “A vontade foi minha e ninguém me incentivou”, explica. Ela fala que fuma uma carteira por dia, ou seja, calculando os seus gastos, já que seu cigarro também sai a R\$ 3, 25 ela tem os mesmos gastos que Luiz, R\$ 130,00. Mas du-



Vício - Luiz Paniago parou de fumar por seis meses por problemas de saúde

rante esses seus 29 anos de fumante ela já gastou em torno de R\$ 45 mil. “Uma vez eu estava com tanta vontade de fumar, e como era uma hora da manhã, liguei em uma mercearia aqui do meu bairro e solicitei que entregassem uma carteira em minha casa. Claro que cobraram quase o triplo, mas a vontade era tanta que não me importava o preço”, confessa Jucyleide.

## Perigos

Estudos demonstram que o tabaco pode possuir mais de quatro mil substâncias nocivas que provocam doenças como câncer, tuberculose, arritmia cardíaca, doenças vasculares e osteoporose. No mundo, anualmente, cerca de 5 milhões de pessoas morrem em virtude destas doenças.

## Campanha esquece problemas econômicos

Leonardo Amorim

Em ano de eleição, as mídias estão recheadas de propagandas e propostas de governo. As prioridades sempre são educação, segurança e saúde. Mas como anda a economia do Estado? O que os principais candidatos ao governo de Mato Grosso do Sul pretendem fazer para fomentar a economia e trazer mais dinheiro para Estado? Na verdade o que acontece é que a economia acaba não sendo o papel principal do governo e quem mais atua neste setor é a iniciativa privada.

“A economia sul-mato-grossense está crescendo, mas especialmente como fruto da articu-

lação do setor privado e não pelo esforço das políticas governamentais”, afirmou o economista Ricardo Senna. Analisando as propostas de campanha divulgadas pelos dois primeiros nas pesquisas, André Puccinelli do PMDB e José Orcírio Miranda dos Santos, o Zeca do PT, é possível afirmar que existem tópicos que podem ser importantes para o desenvolvimento do Estado. Os dois programas apontam linhas gerais nas áreas mais comuns, que todos abordam em campanhas eleitorais. Segundo as propostas, o foco do peemedebista é melhorar salários e gerar empregos, já do petista é fortalecer os municípios.

Atualmente, segundo Senna, não temos uma política clara de desenvolvimento econômico para Mato Grosso

do Sul. Nas ruas, os eleitores acreditam que as políticas beneficiam apenas parte da população. “Eu só percebo que a Economia se movimenta quando o salário aumenta ou quando o preço do combustível sobe, porque do contrário as mudanças só atingem as grandes empresas”, comenta a professora Solange Dornelles. Vendedor ambulante, Jorge Urrutia, trabalha com produtos importados e analisa a alta cotação do dólar. Concordando com o pensamento de Solange, para ele os ápices e as crises só atingem os grandes empresários. “Eu sinto bastante quando o dólar sobe cerca de dez centavos, mas no próximo mês já recupero aumentando os valores de alguns produtos, por isso pra mim a economia nunca muda; prefiro que os polí-

ticos invistam mais em Educação”, completa.

As áreas que mais precisam de apoio são as que contribuem para a produção, como estradas, hidrovias, ferrovias, mão-de-obra qualificada e energia. “Infelizmente o Estado possui gargalos em infraestrutura que são recorrentes e os governos nunca resolvem”, explica Senna.

Sem dúvidas, nas propostas dos candidatos constam melhorias onde o Mato Grosso do Sul precisa se fortalecer, agora é esperar para que os governantes não se vangloriem apenas por trazer indústrias e sim por proporcionar ao cidadão oportunidades para melhoria de vida.



O perfil de consumo da classe C é o retrato do Brasil, que passou a ter mais poder de compra e está mais exigente

# A NOVA classe média BRASILEIRA

Paula Maciulevicius

O aumento da renda do trabalhador nos últimos anos provocou uma ampliação considerável da classe C, hoje chamada de nova classe média. Neste patamar se encontra a metade da população brasileira, que garante por exemplo, a definição de quem serão os futuros representantes do País. O perfil de consumo da classe C é o retrato do Brasil, que passou a ter mais poder de compra e está mais exigente.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Análise, empresa especializada em estudos sobre consumo e opinião pública, os consumidores brasileiros querem o que é bom. A nova classe média, deseja o que as classes A e B já têm, enquanto as classes D e E querem o que a classe C conseguiu adquirir.

A classe média representa atualmente a maioria da população brasileira. Com um percentual de 43%, eles ficam em dois grupos, os que ganham de R\$ 2.905 a R\$ 4,7 mil e aqueles que ganham de R\$ 4,7 mil a R\$ 8 mil.

## Perfil

O casal Rigoberto Rocha e Isabela Santos Rocha é o retrato da família que



Foto: Paula Maciulevicius

**Compra** - Com o aumento da renda a classe média passou a ter maior poder de gasto

está na nova de classe média. A renda familiar em média é de dez salários mínimos. Rigoberto, é policial militar há quatro anos e Isabela produtora de TV há um ano. A estabilidade financeira e um melhor padrão de vida vieram com muito planejamento.

A família que já tem casa própria e dois carros zero quilômetro se prepara agora para receber o primeiro filho. “Dá medo, a gente é marinheiro de primeira viagem. A vontade era grande, mas dá receio saber de todo suporte que uma criança precisa”, relatou Rigoberto.

A classe média vem aos poucos conseguindo concretizar metas e sonhos que antes pertenciam apenas às classes A e B. A família Rocha comprou em 2008 a casa própria de nove cômodos e ainda reformou. Hoje eles conseguem viajar sempre que há uma ‘folga’ no trabalho, e recentemente conseguiram comprar dois carros além de uma TV de última tecnologia e todos os outros eletrodomésticos.

## Consumo

Diante de possibilidades, de financi-

amentos e negociações, muita gente como este casal está adquirindo mais. Todos podem ter objetos de luxo, como uma TV LCD, ou um notebook.

Para o historiador e sociólogo Francisco Givanildo dos Santos, a atual situação econômica do país, gerou uma política de extensão de crédito, foi o que trouxe dimensão à nova classe média brasileira. “O aumento de emprego com carteira assinada, programas sociais e o poder aquisitivo em cima do salário mínimo garantiu um salto na qualidade de vida de pelo menos 30 milhões de brasileiros que ascenderam socialmente”, explica Francisco Givanildo.

Por meio de políticas públicas favoráveis a classe trabalhadora e uma economia consolidada é que a população brasileira amadurece político-economicamente. “É uma população que consegue comprar casa, reformar, e até se alimenta melhor. O que resultou nisso foram políticas públicas, que elevaram padrões de vida de muitos brasileiros”, finalizou o historiador.

Para o casal Rigoberto e Isabela, como também para maioria da população de classe média, a renda familiar dá acesso à educação, saúde, moradia e consumos extras. Porém, segundo a família Rocha, não tem como conseguir comprar segurança. “A gente consegue ter carro novo, casa com proteção, mas não paga pela segurança, é uma coisa que ninguém pode comprar”, ressaltou Isabela.

## Perfil das classes sociais

Paula Maciulevicius

Conforme estudos, a população brasileira está dividida em cinco classes sociais: A, B, C, D e E. Desta classificação, quase 50% está na classe C, a denominada média. Categoria que vai continuar crescendo no país e deve passar das 113 milhões de pessoas até 2014. A conclusão de um estudo do Ministério da Fazenda é a de que essa parcela da população será 56% de todos os brasileiros.

Segundo o relatório Economia Brasileira em Perspectiva, a classe C já reúne 103 milhões de brasileiros. Se mantidas as projeções do governo, nos próximos quatro anos, o crescimento da classe será de 9,7%.

De acordo com o estudo, desde 2003, cerca de 37 milhões de brasileiros saíram da base da pirâmide social, onde ficam os mais pobres, e foram deslocadas para o meio da pirâmide.

O consumo das classes sociais de menor renda tem evoluído de forma consistente, de acordo com o Ministério da Fazenda. De 2002 até 2010, aumentou a participação das classes C e D no ranking de

potencial de consumo. Para o economista Tiago Dantas, é o exemplo na prática das condições que a macroeconomia tem oferecido para as classes de menor renda familiar. “Isso é o resultado do aumento do salário mínimo, das políticas para o controle da inflação, a geração de empregos e os benefícios dos programas sociais”, explicou. Tiago resalta ainda que o consumidor da nova classe média se difere daquele consumidor mais rico. Ele quer inclusão, então vai à lojas que tenham o que ele necessita e dentro deste comércio ele busca um vendedor que explique a funcionalidade de tal objeto.

## Classes Sociais

**Classe A** – denominados ricos, representam apenas 1% da população brasileira e

possuem renda familiar superior a R\$ 38 mil por mês.

**Classe B** – representa 28% da população. Eles são divididos em três grupos: os que ganham de R\$ 8 mil a R\$ 13 mil; de R\$ 13 mil a R\$ 26 mil e de R\$ 26 mil a R\$ 38 mil.

**Classe C** – é a nova classe média brasileira, que representa a maioria da população, com um percentual de 43%. Eles também ficam em dois grupos, os que ganham de R\$ 2.905 a 4,7 mil e aqueles que ganham de R\$ 4,7 mil a R\$ 8 mil.

**Classe D** – Este grupo é representado atualmente por 25% dos brasileiros. Eles ganham de R\$ 1,9 mil a R\$ 2,9 mil

**Classe E** – Esta categoria representa apenas 3% da população brasileira. São os mais pobres da lista, com renda familiar de R\$ 1.106 a R\$ 1,9 mil.